

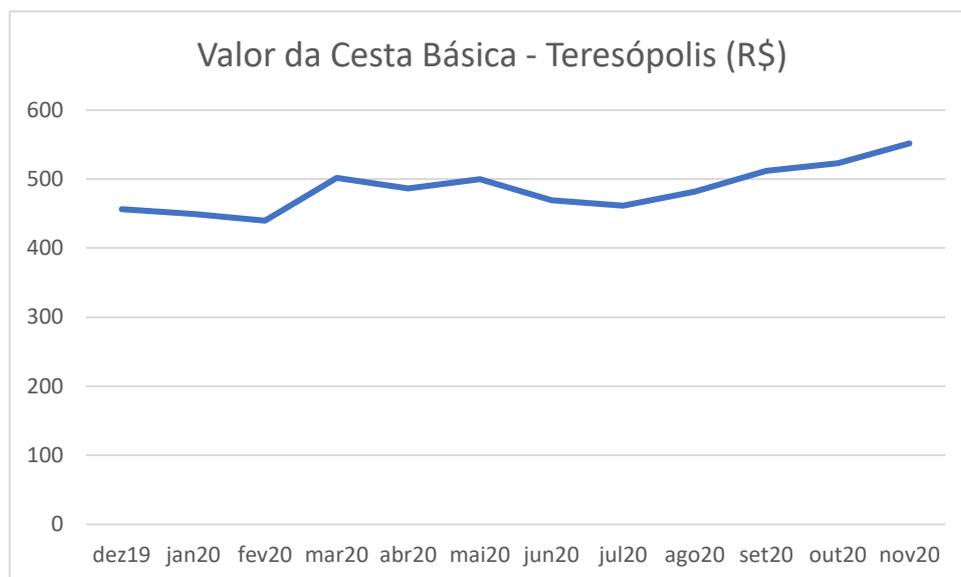
E O 13° ?

*Roberta Montello Amaral **

A esta altura do ano a maioria das empresas já fez o pagamento do seu 13º salário. Em um período de pandemia com a notícia de aumentos sucessivos de vários alimentos, fiquei me perguntando se o poder de compra das classes mais pobres caiu em relação ao ano passado. Sendo assim, nesta semana, minha investigação será sobre a variação de preços da cesta básica de Teresópolis comparativamente à variação de preços do salário mínimo.

Inicialmente temos que recordar o que é a cesta básica. Ela é formada por um conjunto de produtos alimentícios considerados essenciais. Segundo o DIEESE, que faz o levantamento dos preços desta cesta em todo o Brasil, os itens acompanhados “foram definidos pelo Decreto Lei nº 399, de 30 de abril de 1938, que regulamentou o salário mínimo no Brasil e está vigente até os dias atuais. O Decreto determinou que a cesta de alimentos fosse composta por 13 produtos alimentícios em quantidades suficientes para garantir, durante um mês, o sustento e bem-estar de um trabalhador em idade adulta. Os bens e quantidades estipuladas foram diferenciados por região, de acordo com os hábitos alimentares locais.” Não existe uma cesta básica definida para Teresópolis, mas, com a ajuda dos alunos dos cursos de Administração e de Ciências Contábeis do UNIFESO, desde 2010 acompanhamos os preços, em nossa cidade, dos mesmos itens que compõem a cesta básica da cidade do Rio de Janeiro.

Comparativamente ao ano de 2019, o salário mínimo saltou de R\$ 998 em 2019 para R\$ 1045 em 2020, uma diferença de R\$ 47 ou 4,71%. Já a cesta básica... Vejamos como se comportou ao longo do último ano:



Com a ajuda do IPC/CB-FESO, o Índice de Preços da Cesta Básica de Teresópolis, descobrimos que, neste caso, a variação encontrada foi de R\$ 95! Ou seja, sem

olharmos para os percentuais, a cesta básica subiu duas vezes mais do que o salário mínimo! Se olharmos para os valores percentuais, a diferença é ainda maior: os alimentos deste grupo sofreram uma elevação de 20,81%, ou seja, encontra-se uma mudança quase 5 vezes maior nos preços do que no rendimento do trabalhador de baixa renda!

Infelizmente isso comprova que são sempre os menos favorecidos que sofrem as consequências mais cruéis das situações adversas. Isso demonstra que é urgente que o Governo procure olhar para este grupo que, provavelmente, está entre aqueles que vai sofrer as maiores consequências advindas da pandemia do COVID-19. E, se já estava difícil pensar em um Natal com menos presentes, pensar em um Natal com menos comida na mesa é ainda mais cruel. Que sigamos com a esperança de que 2021 chegue com novas e melhores perspectivas para todos!

* *Roberta Montello Amaral* é economista, doutora em engenharia de produção e professora dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Nutrição do UNIFESO. E-mail: robertaamaral@unifeso.edu.br.